

TER METÁFORAS À FLOR DA PELE (OU OUTRA FORMA DE «TER NERVOS»)

Mário Vilela

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Língua da Universidade do Porto
mariovilela@sapo.pt

*«As metáforas que escolhemos condicionam o modo
como falamos do mundo e da sociedade e o modo
como nela intervimos»*

(Nunes 1997: 33)

0. Observações preliminares

O alvo do nosso estudo é mostrar como a linguagem das emoções humanas é fruto do meio cultural, das condições em que o homem vive e convive. Baseio-me essencialmente nas expressões socializadas e habitualizadas, tais como *estou num farrapo, ela está um vidrinho, estou em baixo, ela ficou por terra* (depois de saber a notícia), *não há quem o aguente / suporte, são sempre os mesmos a pagar a factura, (ser uma) pessoa distante, águas mortas, dinheiro vivo, morrer de riso, não caber em si de contente*. Estas expressões mostram como a língua, na categorização e representação da realidade, se serve de domínios mais recorrentes e mais acessíveis para explicar outros domínios. Veremos como o «corpo» humano serve de domínio chave nessa categorização e conceptualização.

0.1.0. Poderemos analisar tais expressões a partir da semântica designada por «estruturalista» com base exclusiva no semema, ou tomando como orientação a chamada corrente cognitivista, que tem como alvo o saber conceptual extralinguístico. A primeira – a estruturalista – analisa o **saber linguístico semémico** duma língua particular, o saber de um falante de uma determinada língua que é relevante, o saber linguístico nuclear, através do qual o falante distingue uma palavra de outras palavras (ou de outra palavra). Esta parte do

significado é actualmente designada como **semema**, ou seja, o fenómeno genuinamente linguístico numa língua particular e que se compõe dos traços relevantes para a estrutura dessa língua. E se este fosse apenas o nosso objectivo de análise, tomaríamos as expressões *vidrinho*, *farrapo*, *águas mortas*, *dinheiro vivo*, fazendo a sua análise em termos de semas, classemas, numa perspectiva paradigmática e sintagmática¹. A segunda perspectiva – a cognitivista –, analisa o **saber extralinguístico**, o saber que uma palavra provoca em nós relativamente a um objecto, estado de coisas, processo, acção, etc., palavra como «designação de» ou «categorização / conceptualização de». Trata-se de um saber acerca das coisas, saber acerca do mundo, uma experiência do mundo ('Welterfahrung')², os *atributos* que encontramos em exemplares próximos dos que consideramos prototípicos³.

0. 2. O saber sobre estes planos (ou níveis: quer o semémico, quer o extralinguístico) de saber está armazenado na memória, no «léxico mental» do falante. Estes planos semanticamente relevantes do saber são assim contemplados de diferente modo pelas várias correntes linguísticas. Pode-se pôr a questão de se saber qual a relação entre semema e referente. Ou, por outras palavras, quais os traços que são obrigatórios, definitórios e em que medida exemplares individuais (referentes) devem mostrar determinados traços para que sejam reconhecidos como realizações de um semema. Por exemplo, se uma *chávena* tiver a asa partida é ainda uma chávena? Se *vidrinho* não incluir «vidro» entre os seus traços ainda é *vidro*? Haverá apenas necessidade de conceito estereotípico ou prototípico para combinar com as relações semânticas? Mas tenha-se em consideração que na teoria do protótipo se joga com representantes típicos (protótipos) e não (em primeira linha) com referentes individuais. A semântica estrutural trata da significação e não dos problemas singulares da designação de referentes individuais (trata da *langue* e não da *parole*). Os semas e sememas são abstrações para explicar a estruturação do léxico de uma

¹ Tratava-se da decomposição léxica em semas, classemas, dimensões arquilexemáticas (Coseriu 1986 e Blank 1997).

² Cfr A. Blank 1997: 54 e s.

³ A linguística estruturalista defende que a língua particular como tal não está envolvida nesse saber, mas considerando o saber lexical de uma língua particular, como uma 'coisa' (Ding) da realidade, o estruturalismo vê no signo linguístico também informação, que embora sendo própria de uma língua particular, não faz parte do semema. Trata-se de um saber acerca da palavra, acerca do seu lugar no léxico, das regras do seu uso no discurso, que é também um saber semântico. Será isto a pragmática do léxico. A linguística cognitivista faz essa decomposição em termos de «moléculas léxicas» como postulados de significado (Miller e Johnson-Laird 1976), de configuração relativizada de primitivos semânticos em guiões prototípicos (Wierzbicka 1996) ou resultantes da associação de redes de conhecimento com conceitos nucleares prototípicos e nós relacionais de atributos e traços (Barsalou 1992).

língua e não pressupostos para se reconhecer os referentes concretos. O semema e o protótipo não se excluem, apenas são representações de diferente grau de abstracção. O semema de um signo não inclui todos os traços relevantes para o significado, mas apenas aqueles que são necessários para distinguir uma palavra dentro do seu campo ou para distinguir os hiperónimos e hipónimos. Acontece mesmo que estes podem coincidir com os atributos da representação imagética e conceptual. Os semas que não são considerados pela semântica estrutural são o saber extralinguístico, o saber conceptual.

Vamos fixar-nos nesta última linha de reflexão, embora não terminemos este pequeno estudo sem mais uma referência à semântica estruturalista (ou, a uma das suas manifestações mais genuínas, a lexemática).

1. Saber enciclopédico, protótipo e «frames» ou os caminhos da semântica cognitiva

O chamado paradigma cognitivo não envolve um enfoque cognitivo unitário, mas uma variedade de paradigmas, que só tem em comum a ênfase nos fenómenos mentais como agente do comportamento. Inclui a psicologia cognitiva, a linguística, a filosofia, a inteligência artificial, a neurociência e a antropologia. O importante é que a linguagem é encarada como processo e estratégia de conceptualização e categorização do real e, por conseguinte, a expressão linguística constitui um reflexo e ainda um elemento estruturador da conceptualização⁴.

1.1. *Paradigma cognitivista experiencial*

Tem merecido o paradigma cognitivista experiencial⁵ uma atenção especial, para quem a linguagem é uma forma de simbolização de capacidades naturais, entre as quais se destaca a capacidade «pré-conceptual» de conceptualizar a experiência corporizada ('embodied mind'), a acção sobre o mundo e a capacidade de relacionar analogicamente domínios conceptuais entre si. As nossas capacidades simbólicas (subjectivas, intersubjectivas, mentais e culturais) estão intimamente enraizadas numa base natural experiencial (Lakoff 1987).

⁴ Cfr. Pires 2001: 9. Eis a formulação aqui feita de «cognitivo»: a «relação entre a forma como experienciamos o mundo físico e social, a sua conceptualização e o modo como esta se traduz linguisticamente.» (Ibid., 9-10).

⁵ Este paradigma é o oposto do chamado paradigma racionalista, para quem a mente não é uma *tabula rasa* que armazena experiências, possui uma linguagem mental interna que computa símbolos internos (mentais) (Fodor, Jackenfoff): defende mesmo que estes símbolos são independentes da linguagem natural.

Estruturas esquemáticas mentais, tidas como essenciais, serão recipientes, trajectos, conexões, forças, equilíbrio, havendo ainda outras imagens com outros tipos de orientações e relações, como acima / abaixo, frente / atrás, parte / / todo, centro / periferia⁶. Estas estruturas altamente recorrentes socorrem-se da experiência corporal e do seu modo de funcionamento. Os modelos referenciados são a nossa orientação vertical, a natureza do corpo como recipiente ou como um todo com partes, a nossa capacidade para sentirmos o movimento numa direcção ou noutra, a manipulação de objectos, indicando-se assim que a nossa experiência está estruturada, orientativa e cinestésicamente, para certos domínios. O enfoque experiencial leva-nos a estruturar as experiências abstractas, projectando o domínio físico no domínio abstracto, isto é, projectando as categorias do nível básico nas categorias do nível subordinado e superordenado. A nossa experiência na manipulação de objectos, as nossas percepções, a nossa experiência de movimentos nos espaços físicos palpáveis, servem de base à organização do nosso pensamento conceptualizado.

Essa manipulação, essa percepção e experiência do espaço e do movimento operam-se, em grande medida, através da metáfora. É através da metáfora que organizamos o nosso pensamento e conhecimento: a metáfora não é um recurso estilístico, mas um processo mental em que se estrutura um conceito a partir de outro⁷. Sintetizando, podemos constatar o seguinte:

- (i) a metáfora é um processo cognitivo por meio do qual uma série de conceitos – ou domínios conceptuais⁸ – são compreendidos (conceptualizados e categorizados) em termos de outros domínios;
- (ii) o conceito que serve de modelo é denominado domínio fonte e o outro, domínio destino;
- (iii) cada metáfora estabelece uma projecção (mapping) de correspondências ontológicas, estruturais ou epistémicas entre os domínios;
- (iv) muitas projecções metafóricas são convencionais: usam-se frequentemente em qualquer língua e cultura;
- (v) é possível transferir o conhecimento e os modelos de inferência do domínio fonte para o domínio destino.

⁶ Diferentes metáforas podem estruturar aspectos diferentes de um só conceito. Johnson (1987: 126) distingue vários tipos de esquemas imagéticos básicos (*basic schemata*) e os mais gerais são: receptáculo / recipiente, força, graduação, direcção / trajecto, centro / periferia, parte / todo, contacto, superfície, ciclo. Representam esquemas bem definidos e com uma estrutura interna que condiciona o nosso raciocínio e a nossa compreensão e são portanto fonte das nossas projecções metafóricas.

⁷ Vde Lakoff e Johnson 1980, Johnson 1987, Lakoff / Turner 1989, Lakoff 1990.

⁸ Deve sublinhar-se que, na metáfora, estamos em presença de transferências ou projecções («mappings») entre domínios e não de projecções entre palavras.

Os tipos de metáforas básicos serão:

- (i) as metáforas **orientacionais**, as que estruturam os conceitos numa dimensão linear, dando-lhes uma orientação espacial, como se constata em: «a dor está em baixo: *sinto-me em baixo*», «a alegria está em cima: *ando nas nuvens*», «o futuro está à frente / o passado atrás»: *tens um lindo futuro à tua frente embora tenhas deixado um rasto de sangue atrás de ti*»;
- (ii) as **ontológicas**, as que conceptualizam como substâncias, objectos ou entidades, numerosas experiências e eventos que carecem desse estatuto: a mente é uma máquina, a inflação é uma pessoa ou um ser vivo (*a economia engorda, emagrece; palavras duras, palavras amargas*), em que são preponderantes as chamadas personificações;
- (iii) as **estruturais**, que consistem no facto de se projectar sobre um dado conceito complexo os aspectos correspondentes do conceito fonte, que por sua vez é também complexo, por exemplo, a inflação é um inimigo que é preciso combater (*a luta contra a inflação é o pão nosso de cada dia*).

As metáforas com base física são fortes candidatas a ser universais, atravessando culturas e línguas⁹. Também a **metonímia** é básica para a organização do nosso conhecimento, ainda com uma base experiencial¹⁰. A metonímia é igualmente explicada como projecção entre domínios conceptuais. Enquanto na metáfora compreendemos um domínio conceptual em termos de outro, já a metonímia é definida como uma projecção conceptual dentro de um único domínio¹¹. Procurando manter-nos no domínio do vocabulário do corpo como fonte da categorização / conceptualização do mundo não físico, eis apenas alguns exemplos:

A cabeça está a pedir-me travesseiro (a «cabeça» pela pessoa)

Dar à língua (é o forte de muita gente) («dar à língua» a causa pelo efeito)

A criança *faz beicinho* (quando não se lhe faz a vontade) («beicinho» por atitude simultaneamente de descontentamento e desapontamento)

O político entrou e saiu sem *abrir a boca* («abrir a boca» por falar)

⁹ Considerando-se que, na nossa sociedade, o dinheiro é um recurso limitado e os recursos limitados são valiosos, temos o conceito metafórico «o tempo é dinheiro» (original: *time is money*) implica que 'o tempo é um recurso limitado', o qual por sua vez implica que o tempo é uma coisa valiosa (Lakoff / Johnson 1980). Creio que não há língua e cultura que não tenham aceiteado esta imagem e não a tenham assumido como sua.

¹⁰ Cfr. Goosens et al. 1995, Croft 1993, Ruiz de Mendoza 1996, Lakoff e Johnson 1980, Lakoff e Turner 1989, Kövecses 1986.

¹¹ Lakoff 1987: 288.

Lakoff / Johnson (1980) dão-nos uma lista das metonímias mais comuns: parte pelo todo, o objecto pelo utente, o lugar pela instituição, o lugar pelo acontecimento. Aliás a metonímia e a metáfora vêm frequentemente acompanhadas¹².

A reflexão que vamos fazer tanto se prende com palavras, como com fraseologias ou construções mais amplas. A metáfora e metonímia verificam-se em simples palavras, como, por exemplo, *rivalis* (lt.) era o 'vizinho no mesmo ribeiro', por metáfora e metonímia ('aspecto parcial') chegou ao 'rival' de hoje; *amante* ('o que ama'), por metonímia (possivelmente por tabu) passou a 'pessoa que tem um caso com outra pessoa de sexo diferente e de forma ilegal', ou *alma* no valor de 'pessoa' (*esta aldeia tem três mil almas*), em que a motivação, possivelmente o protótipo, representa a relação parte-todo e ocorrem – a metáfora e a metonímia – em grande profusão nas chamadas fraseologias.

1.2. Paradigma cognitivo-cultural ou a experiência vivida dos falantes

O paradigma cognitivo-cultural (ou, melhor dito, a antropologia cognitivo-cultural) considera que os símbolos e as categorizações através das quais representamos a nossa experiência e a realidade não provêm apenas da nossa estrutura corporal ou mental, mas constituem convenções e adaptações a uma realidade cultural e social¹³. Uma cultura consiste numa rede de sistemas de significado, concepções e esquemas interpretativos que se geram, aprendem, activam, constroem e se mobilizam em práticas sociais, normas impostas por instituições, incluindo as linguísticas. São jogos culturais que tácita ou explicitamente se instalam em nós, criando disposições habituais, valorizações ou desvalorizações. Por exemplo, o indivíduo é o «locus» do emocional, mas é o envolvimento social que determina que emoções se exprimem ou se silenciam, onde, quando, para que fim, quais as razões da sua manifestação ou do seu silenciamento. Sentir-se humilhado, envergonhado, a necessidade de auto-estima, só acontece dentro de uma comunidade. Há estados emocionais que

¹² Faria (1999: 387) dá alguns exemplos dessa combinação.

¹³ Vde, por exemplo, Searle 1995 e D'Andrade 1995. Veja-se ainda a afirmação seguinte: «Essentially cognitive models and cultural models are thus just two sides of the same coin. While the term cognitive stresses the psychological nature of these cognitive entities and allows for interindividual differences, the term «cultural model» emphasises the uniting aspect of its being collectively shared by many people.» Ungerer e Schmidt 1996: 50). É frequente depararmos com afirmações do género de: «... a liberdade individual é condicionada por uma ditadura social, que impõe um estilo de beleza, que escraviza e monopoliza as pessoas. As pessoas tornam-se escravas do espelho e da balança porque não conseguem sentir-se bem quando comparadas e espelhadas pelos critérios exigentes do «alto e magro».» (Maria Inácia Krupenski, in: XIS, 113, Público, 04.8.2001).

dependem de condições sociais bem determinadas: é a grupalidade, a ritualidade, a etnicidade, a purificação, a defesa do «território» a manifestarem-se. Expressões como a *justa vingança*, a *santa ira* de Deus, *olho por olho*, *dente por dente*, *justiça de Fafe*, etc., indicam precisamente uma certa aceitação do que não é correcto, mas que em certas circunstâncias são aceites. Há manifestações que podem ser bem vistas ou mal vistas pela comunidade: responder ou não responder a uma agressão (*se alguém te ferir numa face oferece a outra*) pode revelar auto-controle ou lassidão (*ser-se um badanas*). As emoções não são apenas sentimentos, mas também disposições episódicas para comportamentos, actuações, respostas ou reacções relativamente a uma norma social. Há emoções que são hipervalorizadas, hipercognitivizadas. É o modelo cultural e o modelo cognitivo a interpenetrarem-se. A intercompreensão só é possível porque partilhamos, numa comunidade, os mesmos esquemas.

Vamos atentar no modelo cognitivo-cultural como interpretante das emoções, em que as estratégias de interpretação dos dados emocionais são mediadas pelas redes de conhecimento que se transforma em modelos mentais ou modelos culturais de falantes comuns (leigos) ou «experts». É o conhecimento cultural e o modelo cultural que nos capacitam para a interacção comunicativa. Uma das funções dos modelos culturais é a de codificar esquematicamente – com conceitos básicos e derivados, cenários típicos e guiões pré-fabricados – as conceptualizações e motivações típicas de uma sociedade: os projectos, as metas, os fins e os meios disponíveis que os falantes devem seguir; as atitudes e disposições que devem cultivar; os traços de personalidade que devem fomentar ou eliminar; as coisas que devem possuir ou deitar fora. Os modelos culturais são receitas ou guiões normativos implícitos ou pressupostos que se reflectem evidentemente na linguagem¹⁴: o léxico, os ditados, os provérbios, os discursos, as formas habituais e habitualizadas ou socializadas de falar, etc. A forma de falar reflecte a nossa forma de pensar e a forma de pensar e falar reflecte a nossa forma de viver. Por exemplo, em *estar fora de si* marcamos o espaço como determinante; em *estar nas nuvens* marcamos a

¹⁴ Podemos, por exemplo, verificar que as línguas têm lacunas a nível lexical: traduzir sentimentos bem tematizados e lexicalizados noutras línguas nem sempre é possível. Por exemplo, como traduzir *Schadenfreude* (al.) para português, ou como traduzir *saudade* (ptg.) e *morrinha* (gal.) para outras línguas? Ou ainda, por que se diz *ficar verde com alguma coisa* e *não ficar azul*?

Outro problema é o modo como as línguas focalizam e tematizam nas expressões respectivas (de acordo com a relação cognitiva ‘figure-ground’ de Langacker 1987) certas relações: *tenho uma dor* (posse), *sinto uma dor na cabeça*, *tenho uma pontada* (?? *sinto uma pontada*) *no peito*; *estou triste / contente com* (relação de causalidade) em vez de *triste por* (também causalidade?) e **triste de* ou **triste em* (para indicar a mesma relação); mas já *morrer de* (frio) indica-se a causalidade e *morrer com frio* (não há causalidade, mas apenas ‘companhia’).

orientação; em *estar na fossa, bater no fundo* marcamos a espacialidade e a orientação do «eu». E o vocabulário (da experiência) do corpo é o grande modelo cultural (quase) universal: as projecções conceptuais deste léxico modelam esquemas mentais, guiões imagéticos universais. Reflectem o «equilíbrio», a «orientação», a posição bípede: *encabeçar uma lista* (de protesto), *não ter pés nem cabeça, meter os pés pelas mãos, dar a cara* (pelo saneamento das mentalidades), *estamos (todos) de patas pr'ó ar* (com a crise orçamental).

Mas há em todas estas expressões uma certa invariabilidade (Lakoff 1990), isto é, mesmo quando estas expressões se transferem para o domínio abstracto (ou, como é usual dizer-se, para o sentido figurado), há sempre um resíduo de significado concreto que se mantém: o sentido literal fica de algum modo remanescente. Muitos modelos têm uma explicação imediata, como nos exemplos anteriores. Mas noutros casos, precisamos de muletas culturais convencionais para a interpretação, como nas comparações congeladas (*burro que nem uma porta*¹⁵), ou nas fraseologias, em que o corpo serve de «origem», *levar alguém pelo beijo* (que em fr. é o equivalente de *mener quelqu'un par le bout du nez*), *apanhar alguém com a boca na botija* (em fr., o equivalente será: *prendre quelqu'un la main dans le sac*), *pôr a faca ao peito de alguém* (em fr. será traduzido por: *mettre le couteau sous la gorge de quelqu'un*), *não ter pés nem cabeça* (em fr. *n'avoit ni queue ni tête*), *tirar as teias da aranha da cabeça de alguém* (em fr.: *ouvrir les yeux à quelqu'un*), *torcer a orelha* (fr.: *s'en mordre les doigts*), *não deixar fazer o ninho atrás da orelha* (em fr.: *ne pas se laisser marcher sur les pieds*)¹⁶. Isto é, muitos conceitos ou projecções metafóricas são filtrados pela convenção cultural, que nos chegam incorporados na transmissão cultural (folclore, tradição oral, educação literária, etc.). As duas línguas – muito próximas em termos culturais – representam domínios «origem» bem diferentes.

As emoções estão incorporadas numa teia cultural, em que se estabelece o que é permitido mostrar ou esconder, controlar ou descontrolar, etc. Há um cenário ou marco prototípico em que se situa um guião também prototípico. Por exemplo, a perda de controle: *perder a cabeça, subir o sangue à cabeça, estar fora de si, entrar em paranóia, ficar com a cabeça à roda, ter uma parafuso a menos, perder um parafuso*. Todo o percurso está aí conceptualizado, categorizado e lexicalizado. Há a possibilidade de descrever deste modo a perda de controle, o auge dessa perda, a recuperação de controle, etc. Há que

¹⁵ A reacção de dois alunos meus – um japonês e outro nigeriano – a esta comparação foi a seguinte: «mas que tem a ver «porta» com a 'burrice'»

¹⁶ Utilizo as equivalências apresentadas em Geneviève Blum 1990.

distinguir o que é experiencial (modelo mental) do que é cultural (de base convencional). A linguagem, como processo social, faz parte integrante da sociedade e é condicionada por ela.

2. A linguagem das emoções

Os falantes dispõem de um conjunto de competências e bases de conhecimento, representado a diversos níveis de consciência para produzir expressões linguísticas sobre um domínio semântico determinado¹⁷. Os modelos mentais e culturais, no domínio da descrição das emoções, podem ser interpretados imageticamente nos dois parâmetros seguintes, tidos como os mais recorrentes:

- a emoção é um líquido (*estou a ferver cá por dentro!*)
- o corpo é o recipiente das emoções (*só o sofrimento me fez cair em mim!*)

Estes dois postulados entrecruzam-se, não deixando perceber qual dos dois é o predominante. Por outro lado, os modelos conceptualizadores e categorizadores denominados orientacional e ontológico acompanham estes dois núcleos de categorizadores léxicos. Os seres humanos são concebidos como recipientes, na sua parte mais profunda ou superficial; contêm fluidos que podem encher – atingindo a saturação – e mesmo trasbordar. O corpo é o recipiente das emoções, que são substâncias líquidas em que o esquema da imagem mental e do fluido subindo dentro do recipiente dá sentido à projecção que se apoia em expressões como:

Este triunfo *encheu de alegria* os adeptos do clube
A colmatar os nossos desejos ganhámos o campeonato

¹⁷ Linguisticamente os níveis mais pertinentes são os seguintes:

- (i) rede de conceitos léxicos (simples ou complexos),
- (ii) modelos léxico-gramaticais de realização e
- (iii) modelos léxico-discursivos.

Por detrás destes modelos podemos descortinar:

- (i) modelos pré-conceptuais de esquemas de imagens mentais,
- (ii) modelos conceptuais metafóricos e metonímicos,
- (iii) modelos conceptuais experienciais,
- (iv) modelos convencionais culturais, etc.

Não vamos, no entanto, levar por diante esta análise: ficar-nos-emos apenas pelo enquadramento geral das expressões. Para uma tentativa de aplicação do modelo nos vários quadrantes linguísticos cfr. Martín Morillas / Pérez Rull 1998.

A pressão dentro do recipiente é conceptualizada e recategorizada em expressões fraseológicas como:

Não podia *conter tanta alegria*
 Não *cabia em si* de contente
 Não *podia reprimir* os seus sentimentos
 (Está-se mesmo a ver) que isto viria a *sobrar* para mim!
 Pessoa *cheia de vida* /de vitalidade / de energia

A ‘pressão’ pode ser uma «força» que nos supera:

Ele sentiu-se *invadido* por uma alegria imensa
 A tristeza *apoderou-se* dele

ou uma ‘força’ (quase) impossível de controlar e o ‘fluido’ não podendo transbordar, não se conter dentro, chega mesmo a explodir:

Ele, ao ouvir uma boa anedota, costuma *explodir* numa gargalhada bem sonora ou
 Ele costuma reagir muito mal: normalmente, *explode* quando o criticam
 Ele *reventou a rir* quando soube da notícia
 Não pude *ocultar / dissimular* os meus sentimentos
 Ela não pôde *sufocar* os seus sentimentos / o riso

A ‘temperatura’ suporta um valor ontológico (valor abstracto passando a concreto), para explicitar as emoções:

É necessário deitar *água na fervura*
 Ele *ferve em pouca água*¹⁸

¹⁸ Mas o «aquecimento», num reagrupamento de outros elementos («gestalt»), está disponível para outras representações ontológicas:

O *calor do seu sorriso aquece* a alma das pessoas

Ele é uma *pessoa fria / quente*

(Tenho um) *desejo ardente*, que é o de ir por diante na procura

Desejar ardentemente / querer ardentemente (em *desejar/ querer ardentemente*, o advérbio – um autêntico advérbio do verbo – transforma o verbo num novo predicado)

Isto é, em uma pessoa *é fria, quente* – a que podemos acrescentar *pessoa distante, aberta, fechada, expansiva* -, os atributos (ou os traços) ‘temperatura’, ‘espacialidade’, fornecem o cenário em que o domínio ‘origem’ se projecta no domínio ‘alvo’: a atitude, o comportamento, os sentimentos da pessoa.

O orientacional (ou espacial¹⁹) ligado ao corpo como recipiente, que contém, que se abre ou fecha, é recorrente:

Soltar uma gargalhada
 Rir a bandeiras *despregadas*
Abrir-se num sorriso de orelha a orelha
 Ele *desatou* a chorar como uma Madalena

O espaço tem uma importância fundamental²⁰ na estruturação do mundo e, portanto, da linguagem, em interligação com outras relações, como o receptor, em que há um dentro e um fora:

(Ser) pessoa *muito fechada / muito aberta*

ou em que a «invariante» proximidade ou distanciamento se torna espaço (quase) físico:

Distanciar-se / aproximar-se de alguém: (ser) pessoa *distante*

ou um «acima» e um «em baixo», em que em cima está a felicidade e, em baixo, a infelicidade, à imagem de *estar no sétimo céu, andar / sentir-se nas nuvens*, temos:

Cobrir-se de glória²¹
Levantar o ânimo das pessoas
 Deixar-se *levar pelo entusiasmo*
 Ficar em *êxtase* (extasiado)

¹⁹ O orientacional «espacial», «temporal» concretos ou abstractos são constantemente utilizados no vocabulário da emoção:

- isto é *um paraíso*
- esta paisagem é *um dom divino*
- este foi um *dia idílico*
- este lugar é um *lugar idílico*.

²⁰ «Uma característica particularmente interessante das linguagens e representações do ciberespaço é a sua acentuada dependência em relação a metáforas espaciais. É conhecida a importância do resurgimento do espaço e das metáforas no pensamento e na cultura da pós-modernidade» (Nunes 1997: 30. Vide ainda Santos 1989). Lembro apenas os *espaços virtuais*, o *ciberespaço*.

²¹ Há expressões cuja motivação metafórico-metonímica precisa de mais reflexão. Por exemplo, dizemos que *uma pessoa é esquinuda* e compreendemos facilmente a analogia. Mas em *uma pessoa telhada* ('tem telha'), que, em princípio, é 'em cima' (vide *cobrir-se de glória*) e não é nada positivo, nem traz felicidade para quem vive ao lado.

Ficar / *estar deprimido*
 Estar / *ficar na fossa*
 Perder o ânimo
 Cair numa depressão profunda

O «espaço» compreende um «à frente» e um «atrás», em que, normalmente, a felicidade está à frente (o futuro será melhor):

Ele tem um *futuro risonho / brilhante à sua frente*²²

As diferentes partes do corpo enquadram-se nas chamadas metáforas orientacionais, em que funciona o modelo do recipiente. Por exemplo, o coração é tido como o «locus» onde se aninham os sentimentos:

A notícia *alegrou o nosso coração*
 A notícia *encheu de alegria* o nosso coração de pais
 O coração *estalava / saltava de alegria* ('saltar fora')
 Olhos que não vêem *coração que não sente*
 Longe da vista *longe do coração*

Os sentidos participam nessa reestruturação da língua. Por exemplo, o gosto tem papel importante nessa categorização²³:

Saborear os prazeres da vida
Saborear o momento de glória
Saboreia cada palavra que o neto diz
 O *doce* sabor da vitória

OU

Pessoa insípida
Pessoa amarga

²² Tópico que é recorrente, mesmo em imagens convencionais:

Atrás de tempo tempo vem
Dia a dia Deus melhora
Tarde é o que nunca vem

²³ É particularmente o universo que é envolvido pelo gosto. Por exemplo, a palavra *doce* ('açucarado'), perceptível pelo sabor (portanto, o ponto de partida), tem depois, como destino, 'agradável', 'suave', perceptível pelo ouvido, pela vista, em que a motivação se centra na passagem do conceito concreto para o de abstracto, implicando o que costumamos designar como sinestesia. Vejamos expressões como: *tempo doce, pessoa doce, brisa doce, sorriso doce*, etc.

Pessoa insonsa

Aguçar o apetite de alguém²⁴

Espicaçar (o apetite de) alguém

A «visão» e – um dos (seus mais importantes) atributos – a ‘luminosidade’ servem de origem para a conceptualização de sentimentos:

Os olhos *brilham de alegria*

Os olhos *iluminam-se* ao ouvir o neto

Os olhos *brilharam* ao receber a notícia

Os olhos *lançam centelhas de luz*²⁵

Este traço – ‘luminosidade’ – transfere-se também para outras partes do corpo:

A cara da criança iluminou-se num sorriso lindo (quando recebeu o presente)

O seu rosto / a sua *cara brilhava/ resplandecia de alegria*

A notícia *toldou o seu rosto*

A idade ia *escurecendo o seu sorriso*

A doença deixou *uma sombra no seu rosto*²⁶

A ‘luminosidade’ (e o seu oposto) serve ainda de origem para o ‘sucesso’:

Ontem *estiveste brilhante / luminoso*

Futuro *brilhante / sombrio à tua frente*

O sentimento é uma ‘doença’:

Ele *morreu de riso*

O *riso é o melhor remédio*

Ele ficou *ébrio de alegria*

Ele *fica louco de alegria* quando pode ir praticar o seu desporto

Com a *alegria entrou em delírio*

²⁴ «Aguçar o apetite», metáfora ontológica, tem possivelmente origem numa outra – *aguçar o dente* – onde a metonímia também entra.

²⁵ O corpo é reservatório.

²⁶ Aliás, o rosto e a cara são o «fundo» onde evoluem representações frequentes:

O rosto é o espelho da alma

Quem vê caras, não vê corações

Ter *vontade louca* de fazer algo
Ele *perde a cabeça* sem mais nem menos²⁷

Os sentimentos são como os seres vivos, nascem, crescem, alimentam-se e morrem:

A notícia *fez renascer* em mim a *alegria*
A *alegria crescia* na mesma medida do nosso sucesso
Esboçou um sorriso triste
O *riso apagou-se-lhe* no rosto ao ouvir a triste notícia
Alimentamos sempre o desejo de nos superarmos em cada momento
O *apetite do lucro não há quem o sacie*
Saciar a sua vontade de tudo atropelar
A *fome* de prazer / de liberdade
A *sede* de vender e de comprar
Fome de vitória

A pessoa como recipiente, em que o contacto (ou domínio origem) é uma superfície dura / áspera / amarga, em ferida:

Pessoa *dura, áspera, amarga*
É necessário saber *pôr o dedo na ferida*

ou em que a pele, como superfície do recipiente, tem o seu papel na estruturação da língua:

Ter os nervos *à flor da pele*²⁸

Aliás, a **pele** reveste-se de particular importância no jogo língua-moda-sentimentos:

«A pele é um órgão que recobre externamente o corpo, protege e é um espelho das nossas emoções mais fortes como o medo e a felicidade. Através dela é pos-

²⁷ As doenças dos sentidos – e cá está uma vez mais a combinação da metáfora e metonímia – servem para conceptualizar qualidades de pessoas: *pessoa vesga*, *pessoa míope*, em que a «invariante» (ou sentido literal) se conserva em parte, mesmo no uso figurado.

²⁸ Note-se que esta parte do corpo tem o seu peso bem marcado na língua:
Sentir-se picado por alguém,
Pisar os calos a alguém,
Meter-se na pele de alguém

sível comunicar o amor e ter acesso à alma do outro... A pele funciona também como uma barreira, um limite quando há rejeição, ou não há afectividade. A tonalidade da pele motiva divergências, impede relacionamentos, por vezes, suplantando a diferença linguística. Portanto, a pele é um ponto de abertura e de separação.» (Noémia Viegas d'Abreu – A pele envolve a alma, in: XIS, 113, Público, 04.8.2001)

A pessoa é ainda vista como recipiente onde os objectos são verbalizações e as palavras são o contacto:

Palavras duras
Língua afiada²⁹

3. Análise semémica

Fizemos o levantamento de expressões onde ocorriam grupos de verbos, como:

explodir e rebeitar; iluminar, toldar e escurecer; saciar, alimentar e saborear; desatar, esboçar, abrir e fechar; ocultar, dissimular, sufocar e encobrir; encher e caber em, cobrir e colmatar; invadir e apoderar-se de; morrer e renascer;

de adjectivos como:

ébrio e louco; duro e áspero; brilhante, luminoso e radiante; amargo, insípido e insonso; aberto e fechado; triste e alegre;

de nomes como:

apetite, fome e sede; alegria e tristeza; depressão e fossa ou êxtase / entusiasmo; desejo e vontade; ânimo e desânimo; sombra e luz; sorriso e alegria;

de combinações sintagmáticas do mais variado tipo, que vão desde as expressões convencionais ou congeladas, às simples colocações ou combinações frequentes, como:

verbo + nome: *saborear os prazeres da vida, esboçar um sorriso, saciar a fome, etc.*
verbo + grupo preposicional: *abrir-se num sorriso, desatar a chorar, morrer de riso, (não) caber em si de contente, rebeitar de riso, etc.*

²⁹ Mas não *palavras afiadas.

verbo + advérbio predicativo: *desejar ardentemente*,
 nome + de + nome: *centelhas de luz, fome de..., sede de..., etc.*
 adjectivo + complemento: *louco de alegria, ébrio de riso, etc.*

3.1. O saber lexical de uma língua particular

A concepção da língua (língua histórica) como diassistema leva-nos a ver os traços semânticos relevantes de uma língua particular como constituindo apenas uma parte – embora central – do significado de uma palavra. Os restantes aspectos e associações costumam ser enquadrados na distinção entre significado denotativo (=semema) e significado conotativo ou marca estilística³⁰, em que o significado denotativo e o seu significante funcionam conjuntamente como «conotante» do signo conotativo, cujo conotado representa de certo modo o conteúdo deste signo³¹. Temos de distinguir o saber acerca das relações lexicais de uma palavra, como polissemia, sinonímia, etc. e o saber acerca das marcas de uso. Há que distinguir o que funciona dentro de um campo lexical – apenas unidades do mesmo sistema – em que há oposição de estrutura: no caso do léxico que estamos vindo a ver, teremos *abrir, fechar* (pessoa aberta e pessoa fechada), *explodir e rebentar, saborear, comer e saciar, saciar e encher, ébrio e louco, duro e áspero, brilhante, luminoso e radiante, amargo, insípido e insonso, aberto e fechado, triste e alegre; appetite, fome e sede, alegria e tristeza, depressão e fossa ou êxtase / entusiasmo, desejo e vontade, ânimo e desânimo, sombra e luz, sorriso e alegria*. Mas numa língua há um diassistema onde funcionam três dimensões: a espacial ou variação diatópica, a social ou variação diastrática, a estilística ou variação diafásica. Entre os subsistemas individuais existe sempre uma coexistência e interferência: há elementos de diversos subsistemas, que, na fala, não surgem confusamente. Todos estes elementos pertencem aos traços semânticos de uma língua. Por exemplo, *rebentar de riso* e *rir* ou *sorrir, não caber em si de contente* e *estar muito contente, toldar* (o rosto), *escurecer* e *escurecer o sorriso*, mostram o carácter diassistemático de uma língua. A marca diassistemática pode ser entendida como um saber do falante acerca do uso de uma palavra. É o que encontramos no dicionário como gíria, dialecto, regionalismo, literário, popular, informal, etc.: como em *estar triste* e *estar chateado, estar deprimido* e *estar na fossa*, etc., o «estado de coisas» referenciado é parcialmente o mesmo,

³⁰ «Die denotative Bedeutung fungiert zusammen mit ihrem Signifiant als «connotant» des konnotativen Zeichens, dessen «connoté» oder «Konnotem» gewissermassen die Inhaltsseite dieses Zeichens darstellt» (Blank 1997: 61)

³¹ Para uma explicação da conotação como fenómeno lexical, textual e pragmático e respectiva tipologia cfr. Kerbrat-Orecchioni 1977 e Garza-Cuarón 1991.

mas com aspectualizações bem diferentes. Isto, nesta perspectiva, procura descrever-se o lugar de uma palavra no interior do diassistema.

O uso da palavra não muda do dia para a noite: há por isso também uma variação diacrónica, e daí aparecem as informações arcaico, em desuso, etc. Uma palavra antiquada surge com nomes como eufemismo, poético, vulgar. Assim, a variação diatópica deve ser enquadrada no registo do diafásico. Também um caso especial do diafásico são os chamados estrangeirismos, ou como totalmente estranho, ou como matização estilística de um outro termo: como, por exemplo, *silly season*, aplicado ao Verão dos nossos VIPs e vipinhos, políticos e politiquices baixas. Uma outra variação estaria na oposição língua escrita – língua da distância – e língua falada – língua da proximidade, como no caso de *você* (língua oral) e *senhor* (língua escrita), ou, nos domínios de que nos ocupámos: *ele hoje está um vidrinho*, *ele hoje está irritadiço* e *ele hoje não está nos seus dias*. O facto essencial e característico da marca diassistemática parece ser o facto de a referência extralinguística não ser afectada, ou apenas indirectamente: *rir*, *sorrir*, *rebrantar de riso*, *rir a bandeiras desprezadas* e *rir*, *estar triste* e *estar chateado* ou *estar na fossa / no buraco*, pois reporta-se aos mesmos estado de coisas, mas apontando para diferentes aspectos que mudam a nossa concepção do referente. Sabemos que as marcas regionais, sociais e estilísticas servem para a diferenciação sinonímica. Esta marca diassistemática pertence como o semema ao saber linguístico de um falante de uma língua particular, não ao sistema homogéneo mas ao léxico como um todo. Trata-se do saber linguístico das condições regionais, sociais, estilísticas e conceptuais de uma palavra no uso concreto.

O saber linguístico do falante envolve ainda o conhecimento da concepção interna da palavra, implicando o conhecimento explícito ou implícito da categoria gramatical da palavra ou expressão (e como tal o uso de uma palavra como sujeito ou como predicado, etc.), da existência da família de palavras (*saborear* e *sabor*, *explodir* e *explosão*, etc.), consciência da polissemia e homonímia (*ébrio*, *rebrantar*, *explodir* ou *caber*, *desatar a*, etc.). O falante sabe qual o modo de significação da palavra: substantividade, verbalidade, adjectividade, ou seja o reconhecimento das funções típicas da palavra e a polissemia ou o reconhecimento dos diferentes significados de uma palavra, distinguindo entre polissemia e parónimos e homónimos. O falante conhece ainda as regras das relações sintagmáticas: apenas podemos deduzir o significado actual e actualizado de um lexema polissémico a partir do seu contexto linguístico e situativo, como, por exemplo, em combinações fixas: *rebrantar de riso*, *abrir-se num sorriso*, *rir de orelha a orelha*, *desatar a chorar*; em colocações e complementos adequados, como *centelhas de luz*, *saciar a fome / a sede*, *levantar o ânimo*, *perder as estribeiras*, *perder a cabeça*, *agucar o apetite*, *espicaçar o*

apetite, pessoa fechada / aberta / expansiva, palavras duras e língua afiada (e não: **língua dura* e **palavras afiadas*), etc. Nesse saber do falante inclui-se o conhecimento da contiguidade no domínio de referência ou relações associativas, apreciações / valorizações, textos tradicionais (provérbios, ditados), estratégias discursivas.

4. Conclusão

As expressões de «emoção» que têm como origem o «corpo humano» são abundantes, o que não significa que não haja outros pontos de partida para este domínio «destino»³². Por outro lado, o vocabulário do corpo serve para reestruturar conceptual e linguisticamente outros domínios³³. A nossa experiência quotidiana, as nossas acções, a manipulação dos objectos que nos rodeiam, a grupalidade, a ritualidade, a etnicidade, a convivência com pessoas e coisas, são os primeiros domínios a serem detectados e representados e como tal servem depois de ponto de partida para a nossa interpretação e leitura do mundo. A nossa reacção perante o mundo, a luta pela vida, a procura do «pão nosso de cada dia», a necessidade de complementaridade entre as pessoas, a resistência da natureza aos nossos movimentos, as decepções que a vida nos traz continuamente, são os primeiros domínios a serem conceptualizados e estruturados linguisticamente. E o nosso corpo, o nosso primeiro escudo e arma, instrumento e seu envólucro, morada e companhia, lá estão sempre à mão para servirem de suporte à nossa representação do mundo e categorização lexicalizada.

A explicação da linguística cognitiva e da linguística estrutural não se opõem: completam-se, como provámos (ou tentámos provar) ao longo da nossa reflexão. Uma das perspetivações analisa o saber linguístico sistemático já lexicalizado: a estruturalista; a outra descreve o modo como a língua conceptualiza, categoriza e reestrutura a linguagem: a perspetivação cognitivista.

Bibliografia:

BLANK, Andreas (1997) – *Prinzipien der lexikalischen Bedeutungswandels am Beispiel der romanischen Sprachen*, Tübingen. Max Niemeyer Verlag (= Beihefte zur Zeitschrift für romanische Philologie, Bd. 285).

³² Apenas, a título de exemplo, *ficar verde de raiva*.

³³ Veja-se (*sor*)*riso amarelo*.

- BLUM, Geneviève – *Les idiomatics, français-portugais, portugais-français*, Col. «Point-virgule», Paris: Edit. du Seuil, 1990.
- GARZA-CUARÓN, Beatriz (1991) – *Connotation and Meaning*, Berlin: Mouton de Gruyter.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (1977) – *La connotation*, Lyon: Presses Universitaires.
- MARTÍN, José Manuel / PÉREZ Rull, Juan Carmelo (1998) – *Semántica cognitiva intercultural*, (=Granada Lingvística), Granada.
- BARSALOU, L. W. (1992) – «Frames, concepts and conceptual Fields», in: A. Lehrer e E. F. Kittay (eds.) – *Frames, Fields and Contrasts*, Londres: Lawrence Erlbaum, pp. 24-69.
- COSERIU, E. (1986) – *Princípios de semântica estrutural*, Madrid: Gredos (2.^a ed., 1.^a ed. 1981).
- CROFT, W. (1993) – «The role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies», in: *Cognitive Linguistics* 4-4, pp. 335-370.
- D'ANDRADE, R. (1995) – *Developments in Cultural Anthropology*, New York: Cambridge Univ. Press.
- FARIA, Isabel Hub (1999) – «Expressões idiomáticas, metáforas, emoções, sentidos figurados e sujeitos experienciadores», in: Id. (org.) – *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*, Lisboa: Edições Cosmos, pp. 377-402.
- FILLMORE, C. (1978) – «On the organization of semantic information in the lexicon», in: D. Farkas et al. (eds.) – *Papers from the Parasession on the Lexicon*, Chicago Linguistic Society, pp. 148-174.
- FILLMORE, C. (1985) – «Frames and the Semantics of Understanding», in: *Quaderni di Semantica*, 6(2), pp. 222-254.
- JOHNSON-LAIRD, P. N. (1987) – «Modelos mentales en ciencia cognitiva», in: *Perspectivas de la Ciencia Cognitiva*, Barcelona: Ediciones Paidós. (Título original: *Perspectives on Cognitive Science*. Hillsdale: Erlbaum, 1981).
- JOHNSON-LAIRD, P. N. (1989) – «The language of emotions: An analysis of a semantic field», in: *Cognition and Emotion*, 3 (2), pp. 81-123.
- JOHNSON, M. (1987) – *The Body in the Mind. The Bodily Basis of Meaning. Imagination, and Reason*, Chicago: The Univ. of Chicago Press.
- KÖVECSES, Z. (1986) – *Metaphors of Anger, Pride, and Love*, Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- KÖVECSES, Z. (1990) – *Emotion Concepts*, Berlin: Springer Verlag.
- LAKOFF, G. (1987) – *Women, Fire, and dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*, Chicago: University of Chicago Press.
- LAKOFF, G. (1990) – «Cognitive Linguistics and the invariance hypothesis: is abstract reason based on image-schemmata?» in: *Cognitive Linguistic*, 1, 1, pp. 39-74.
- LAKOFF, G. / Johnson, M. (1980) – *Metaphors We Live By*, Chicago: Univ. of Chicago Press (Trad. espanhola: *Metáforas de la vida cotidiana*, Ediciones Catedra, 1995).
- LAKOFF, G. / Turner, M. (1989) – *More than Cool Reason. A Field Guide to Poetic Metaphor*, Chicago / London: The Univ. of Chicago Press.
- MARTÍN MORILLAS, José Manuel / PÉREZ RULL, Juan Carmelo (1998) – *Semántica cognitiva intercultural*, Granada; Granada Lingvística.
- MILLER, G. A. / JOHNSON-LAIRD, P. N. (1976) – *Language and Perception*, Cambridge: Mass: Belknap Press.
- NORMAN, D. A. (1987) – *Perspectivas de la Ciencia Cognitiva*, Barcelona: Ediciones Paidós.
- NUNES, João Arriscado (1997) – «Metáforas da ruralidade: a «aldeia global» e o ciberespaço» in: *Cadernos – ESAP*, pp. 29-36.

- PÉREZ RULL, J. C. (1997) – *Modelo Cognitivo-Cultural del Dolor Emocional: de la Lexemática a los Modelos Mentales*, Tesis Doctoral: Universidade de Granada.
- PIRES, Maria da Conceição Pena Lemos (2001) – *Para a semântica do desejo. Análise cognitiva de alguns aspectos da sua expressão nominal e verbal*, Dissertação de Mestrado (Universidade Católica), Braga.
- PUTNAM, H. (1988) – *Razón, Verdad e Historia*, Madrid: Tecnos (Ed. original: 1981).
- SANTOS, Boaventura Sousa (1987) – *Um discurso sobre as ciências*, Porto: Afrontamento.
- SANTOS, Boaventura Sousa (1989) – *Introdução a uma ciência pós-moderna*, Porto: Afrontamento.
- SEARLE, J. (1995) – *The Construction of Social Reality*, New York: The Free Press.
- UNGERER, F. / SCHMID, H. (1996) – *An introduction to Cognitive Linguistics*, London: Longman.
- WIERZBICKA, Anna (1992a) – *Semantics, Culture and Cognition: Universal Human Concepts in Culture-specific Configuration*, Oxford: Oxford Univ. Press.
- WIERZBICKA, Anna (1992b) – «Talking about emotions: semantics, culture and cognition», in: *Cognition and Emotion*, 6/3.4, pp. 285-319.
- WIERZBICKA, Anna (1992c) – «Defining emotion concepts», in: *Cognitive Science*, 16, pp. 539-581.
- WIERZBICKA, Anna (1996) – *Semantics. Prime and Universals*. Oxford: Oxford Univ. Press.